Vozes insubmissas. A história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando era crime fazê-lo.

Isabel do Carmo e Lígia Amâncio, Vozes Insubmissas. A história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando era crime fazê-lo, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Waldecíria Costa (Doutoranda em Ciências da Educação pela FPCE-UP)

A obra *Vozes insubmissas* de Isabel do Carmo e Lígia Amâncio é, antes de tudo, um tributo. Uma homenagem a mulheres e homens que, à frente de seu

tempo, foram capazes de sonhar com um mundo mais justo e igualitário. E mais do que sonhar, essas pessoas foram capazes de lutar, insistir e persistir em ideais que não chegaram a se concretizar integralmente até os nossos dias. O preço por esses sonhos e por essas lutas, muitas vezes, foi pago com a própria vida.

Partem as autoras da preocupação de «trazer ao público em geral a origem do feminismo no pensamento moderno» através da vida de seus fundadores e fundadoras. A opção pela apresentação da biografia destas personagens, nos permite como que uma viagem no tempo, uma contextualização através de imagens mentais, suscitadas pela leitura, sobre o nascimento do feminismo, aliado aos movimentos políticos gerais de libertação, contemporâneo da Revolução Francesa e das «primeiras vozes» contra o esclavagismo e contra a discriminação étnica.

As autoras optam por falar, por questões de necessária delimitação, sobre as vidas de personagens francesas e inglesas, assumindo que a falta de referências a figuras portuguesas deve-se a que a emergência da Primeira Vaga do Feminismo tenha ocorrido muito mais tarde em Portugal, assim como pelo facto de que muitos trabalhos e teses sobre algumas dessas figuras estejam sendo desenvolvidos.

Na obra, apresentada em sete capítulos, é possível verificar uma articulação da exposição do tema em três partes.

Na primeira parte (Capítulos 1, 2 e 3), cada autora faz uma breve introdução quanto à primeira vaga do feminismo e o surgimento desse pensamento. São apresentados alguns aspectos que caracterizam essa primeira vaga, como o envolvimento das mulheres nos movimentos gerais de libertação, o facto de que as mulheres envolvidas eram, de um modo geral, mulheres do povo trabalhadoras ou de outras classes, mas proletarizadas por vontade própria, que não se apresentaram como mártires ou vítimas e ainda, o facto de que os movimentos pela igualdade se fizeram ouvir quando as mulheres saíram do espaço doméstico e foram para o espaço público. Outros aspectos citados, ainda como caracterizando a primeira vaga, de facto nos parecem constituintes de desenvolvimentos posteriores dos feminismos, podendo-se referir especialmente a clareza com que alguns feminismos vêm hoje a questão da diferença, postulando que a luta por uma sociedade mais justa deva ser no sentido de que cada mulher seja respeitada na sua individualidade e particularidade identitária, cultural, pessoal, e não simplesmente enquadrada num todo inespecífico chamado as mulheres. Para além disso, consideramos primordial o destaque dado pelas autoras ao que talvez se constitua, «a maior continuidade que caracterizou o feminismo» desde seus primeiros passos até hoje que é «a reflexão crítica e a sua sensibilidade às contradições da modernidade, onde a contradição fundadora é, precisamente, a exclusão das mulheres» (p. 27).

É ainda apresentada uma cronologia da luta pela igualdade de direitos, colocando como marco inicial a publicação, em 1673, do livro Da igualdade dos dois sexos, discurso físico e moral, onde se vê a importância de se desfazer de preconceitos e passando, entre vários outros marcos históricos, pela publicação em 1791 da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã onde Olympe de Gouges denuncia a exclusão das mulheres da Declaração dos Direitos do Homem da Revolução de 1789.

Há que ressaltar, nessa cronologia apresentada, a única referência à participação das mulheres portuguesas nesse período, nas lutas dos liberais e na organização popular contra os Cabrais, em 1820. Apesar das autoras referirem que a questão dos direitos das mulheres não estava colocada na altura, corre-se o risco de, mais uma vez, estar a cometer a injustiça do esquecimento pela história. Fica assim claro, mais uma vez, a necessidade de mais estudos nessa área.

Na segunda parte (Capítulos 4 e 5), são apresentadas notas sobre representações e citações sobre as mulheres e sua condição, passando por citações bíblicas, provérbios populares e frases de pensadores, cientistas e de quem quis se pronunciar, com argumentos prós e contra os direitos das mulheres. A conclusão desta parte é feita com notas biográficas sobre os autores das citações. Embora as referências contra os direitos das mulheres demonstrem o propósito de denegrir e diminuir o estatuto social da mulher e manter esse *status quo*, elas assim colocadas acabaram por ensejar análises ou comentários mais articulados sobre o que estava em causa em cada situação, mas afinal, caberá a cada leitora e leitor fazer as suas próprias reflexões.

Na terceira parte (Capítulos 6 e 7), são apresentadas as biografias, e uma autobiografia, de personalidades da primeira vaga. É possível imaginar a dificuldade em se realizar a escolha dos nomes, a história está repleta de heroínas e heróis nas lutas pela igualdade e apenas em uma obra não seria possível fazer justiça a todas e a todos. Nesse sentido, esclarecem as autoras: A escolha foi difícil e, como em todas essas circunstâncias, é um pouco arbitrária. É também subjectiva, porque foi feita de acordo com simpatias, recolhas e fontes das autoras e de pessoas que se prestaram a colaborar, escolheram o destaque a figuras femininas e masculinas, que emergiram na História como fundadoras e protagonistas de rupturas com o passado, no que diz respeito à igualdade de direitos das mulheres. São então apresentadas as vidas do Marquês de Condorcet, Olímpia de Gouges, Mary Wollstonecraft, Gracchus Babeuf, Flora Tristan, John Stuart Mill, alguns discípulos de Saint-Simon, Louise Michel, Clara Zetkin e Rosa Luxemburgo.

Ao tentar preencher uma lacuna nos estudos sobre os feminismos, esse livro abre muitas outras, que convidam a que novos trabalhos sejam realizados em Portugal para lançar luz e fazer justiça às vozes insubmissas portuguesas que precisam ser desveladas. Esse é, com certeza um dos grandes méritos da obra.

Os feminismos precisam ser conhecidos, debatidos, estudados nas escolas. Não é mais possível permitir que um movimento e pensamento de tal amplitude continue passando ao largo das discussões, em todos os níveis de ensino. Essa defesa fazem as autoras, e a obra que apresentam trata-se de uma importante contribuição nesse sentido, pela clareza, simplicidade e seriedade com que o tema é abordado.

Assim nos parece a obra de Isabel do Carmo e Lígia Amâncio, escrita com o coração, sem a preocupação em localizar num ou noutro modelo de escrita ou estruturação, mas que consegue transmitir a quem a lê uma proximidade e identificação com os sentimentos e ideais de quem travou as batalhas. E para falar

168 ex æquo

também com o coração, a leitura dá-nos, às vezes, vontade de abraçar a cada uma, a cada um dos protagonistas e agradecer-lhes pelo caminho aberto, que ainda se está a caminhar. Quase se pode ouvir a voz de Olímpia de Gouges que, com passos firmes, subiu ao cadafalso e, antes de morrer, gritou para a multidão: «Filhos da pátria, vocês vingarão a minha morte», que acreditamos que esteja sendo vingada nas várias conquistas alcançadas e ainda a alcançar pelas vozes insubmissas que à dela se seguiram.

